

Dissidentes

Obra redigida sob inspiração de Pai João Guiné
e do Senhor Exu 7 Capas

Carlos Fernando Canellas

Copyright © 2020 de Carlos Fernando Canellas

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.

Primeira edição, 2018
ISBN 978-65-00-03986-3

Revisão
Márcia Cristina dos Santos



Tenda Fraterna
Cruzeiro Bendito
tendafraternacruzeirobendito.br

*Para Eduardo,
meu Raio de Sol*

HISTÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS. NOMES DE PERSONAGENS, LOCAIS E CIRCUNSTÂNCIAS FORAM ALTERADOS PARA PRESERVAR OS ENVOLVIDOS.

Sumário

Apresentação e Agradecimentos.....	7
Preâmbulo.....	8
Capítulo 1.....	12
Capítulo 2.....	27
Capítulo 3.....	39
Capítulo 4.....	48
Capítulo 5.....	60
Capítulo 6.....	70
Capítulo 7.....	80
Capítulo 8.....	89
Capítulo 9.....	99
Capítulo 10.....	108
Capítulo 11.....	119
Capítulo 12.....	127
Obras do Autor.....	136

Apresentação e Agradecimentos

Irmãs e irmãos em Oxalá, saudações.

Apresento a vocês a redação da terceira obra inspirada, “Dissidentes”.

Este livro relata de forma mais enfática a Confraria dos Irmãos do Monastério da Luz Divina cidade espiritual que já fora apresentada nas duas obras que antecedem à esta, “Não caminhamos Sozinhos” e “ Para além do Atlântico”.

Como nos dois primeiros livros, sua redação me consumiu horas de sono e de convívio familiar, como também surgiu em momentos em que minha fé fora rigorosamente testada: por pouco não lancei tudo aos céus e deixei de lado a missão. Mas minha fé, meu respeito, meu amor e devoção a Deus, aos Orixás, e aos meus guias e mentores falaram mais alto.

Então, meu primeiro obrigado vai à espiritualidade como um todo, que me ensinou de forma dolorida como ser um bom missionário, e não um mero devoto mercantilista.

Em seguida, agradeço à minha corrente mediúnica; infelizmente, a maioria, na fase final da redação desta obra e no pico das provações do Terreiro, debandou; mas aprendi com essa perda uma dura lição: jamais deixar ninguém interferir seus saberes na casa que me foi dada para cuidar e da missão a cumprir.

E o agradecimento mais importante, mais significativo, é para Augusta da Fonseca Ferreira. Minha esposa, minha amiga, minha confidente.

Mais uma vez, e por muitas vezes deixei de passar alguns momentos em família para a concretização desta obra; e ela sentiu isso, e compreendeu.

Mais uma vez, Guta, obrigado pelo seu sacrifício.

Eu te amo.

Preâmbulo

Percebendo que muitos reencarnados seguiam por caminhos tortuosos na matéria, e que seguiriam errantes no Plano Espiritual, tornando-se alvos fáceis de diversas entidades que atuam nos níveis vibracionais mais baixos da criação, instâncias espirituais superiores decidiram ajudar na criação e sustentação, em torno do Orbe Terrestre, em várias Cidades Espirituais, com o objetivo de acolher estes desencarnados e enviar missionários para o Plano Físico.

A Confraria dos Irmãos do Monastério da Luz Divina é uma destas Cidades Espirituais. Muito antiga, sua origem está alicerçada nas ordens monásticas do Oriente, quando mestres ascencionados solicitaram a monges já desencarnados, que escolhessem um local para a edificação da Confraria e que tivessem como missão resgatar todas as lideranças religiosas que haviam se dignificado aos olhos do Criador.

Deveria inicialmente se localizar entre a Europa e a Ásia, mas por fim, foi decidido que a Confraria deveria ficar em constante movimento, lento, muito lento, mas constante, tráfegando em sentido horário ao da Terra de tal forma que não viesse a afetar outras cidades que vibram na mesma frequência.

Não possui a Confraria dos Irmãos do Monastério da Luz Divina grandes dimensões, caracterizando-se mais como uma cidadela¹.

A Confraria, assim como as demais Cidades Espirituais, acompanha a tortuosa trajetória dos encarnados que possui sua história permeada por violências e agressões.

¹ Sua descrição mais detalhada encontra-se na obra “Não caminhamos sozinhos”.

Para tanto, os Irmãos Diretores receberam a incumbência de organizar entre suas fileiras de servidores, grande conjunto de missionários para que, através da mediunidade pudessem, entre os encarnados, transmitir conhecimentos e saberes através de seus tutelados na matéria².

A humanidade computa vários saldos negativos perante os olhos de Deus. Perseguições e insultos diversos, de todas as categorias possíveis e imagináveis caracterizam a vida daqueles que se encontram no estado físico da existência na vida humana, que para muitos seres humanos, vale menos que nada.

Nestes momentos de tensão, centenas de equipes socorristas denominados Guarnições Médicas, descem para resgatar aqueles que são merecedores. E para que a missão seja cumprida em sua totalidade, recebem a escolta dos Cavaleiros Brancos da Ordem de São Jorge, ordem militar da Confraria, criada durante as Cruzadas.

Mal sabem muitos encarnados envolvidos em suas jornadas terrenas, que por meio de suas expiações estão sob constante influência espiritual para que possa, na Terra, compreender a harmonia através da diferença.

Contudo a ação de diversos magos negros desencarnados, que atuam nas camadas mais intensas do umbral, resgatando e aliciando espíritos revoltosos que aos milhões, são engajados em suas fileiras acabaram por influenciar atritos diversos, resultando aí em trágicas batalhas.

Por questões de formação dogmática, por puro materialismo ou mesmo imaturidade mediúnica, muitos não

² Como é o caso do Preto Velho Pai João Guiné, patrono da Tenda Fraterna Cruzeiro Bendito; o Irmão Coordenador Afrânio e o Irmão Intermediário Ambrósio, este último, ativo nas sessões de Evangelho no Lar do autor.

conseguem enxergar as Cidades Espirituais Ascencionadas e a sua contraparte, as cidades Espirituais Descencionadas.

Estas últimas não foram criadas por Mestres Ascencionados, mas por Mestres Descencionados, compreendidos como os anjos caídos do Antigo Testamento. Em sua maioria são seres dotados de muito conhecimento, saber e poder que desenvolveram grande aversão sobre a Criação e discordam do progresso dos seres encarnados, considerando a remissão dos pecados, o perdão e o amor como elementos que enfraquecem o caráter.

Muitos destes são migrantes de outras paragens planetárias ou dimensionais, mais evoluídos do que a Terra, - como no caso de Capela³ - e que foram banidos de expurgos anteriores e para cá enviados, com a intenção de aprenderem e evoluírem. Contudo, em muitos, o ambiente hostil da Terra, e a formação de seus habitantes, possibilitou que os antigos vícios e saberes se manifestaram com mais afinco.

E são estes espíritos malignos, de pouca ou nenhuma luz, que influenciam guerras e escravizações nas edificações das grandes civilizações; estimulam, ainda hoje, toda forma de perseguição religiosa e étnica, vindo a comprometer incomensuravelmente muitos ajustes cármicos que deveriam, já durante a Idade Moderna ocorrer e se encerrarem.

Esforçam-se em plantar, nos solos lodosos do orgulho humano, as ervas daninhas, que comprometem o desenvolvimento moral e espiritual da Terra.

São travadas, portanto, pelos dois lados da existência imaterial batalhas dramáticas, invisíveis a muitos encarnados havendo grande mobilização das Guarnições Médicas, sempre escoltadas pelos Cavaleiros Brancos da Ordem de São Jorge.

³ ARMOND, Edgar *Os exilados da Capela*. São Paulo, Editora Aliança, 4ª edição, 2019

Conforme esta humanidade se desenvolve em tecnologia, se desumaniza em desgraça. A busca incessante do capital, a necessidade patológica de prestígio, a individualidade como filosofia de vida, permeadas por teorias políticas, econômicas e religiosas que sucedessem em frenéticas convulsões mentais, tornaram estes seres humanos escravos de seus vícios.

Mas esta não é uma narrativa da Confraria. Ainda não. Haverá, em futuro próximo, obra dedicada somente a ela; esta história irá revelar de como muitos arregimentados pelas trevas acabam, por se tornarem Dissidentes, buscando auxílio nas Cidades Espirituais Assencionadas, ou Colônias Espirituais, sendo uma delas a Confraria dos Irmãos do Monastério da Luz Divina e de como estes conquistaram o direito de atuarem em nome de Deus, nas trevas.

Querida irmã, querido irmão, não mais me alongarei. Desejo-lhe uma boa leitura.

Pai João Guiné.

Capítulo 1

– Como se atreve... Sameer? Como ousa me apunhalar... Como? Com que... coragem...? – Dizia, caído ao chão, entre gemidos e dores o Sacerdote do Templo, Hani.

– Da mesma forma como você ousou desonrar minha irmã, na casa de meu pai! Lhe demos teto e comida! Lhe demos roupas. Era ainda uma criança quando lhe acolhemos! E quando seus dons se manifestaram, vendemos quase tudo para que pudéssemos pagar aos caravaneiros que te levaram até o Templo e poder ser aceito na Ordem! E foi assim que você retribuiu? Agora você morrerá com a mesma faca que perfurou Isa.

– Por favor, Sameer, entenda! Precisava do sangue virginal do hímen de sua irmã para que pudesse eu...

– Cale-se! Não quero mais ouvir estas tuas tramas diabólicas! Não pretendo mais dar crédito as suas mentiras!

– Sameer... você não entende... as forças contidas neste ritual exigiam tal sacrifício... não me mate... e nem destrua o baú.

– Cale-se, já disse! – Gritou Sameer enquanto terminava de penetrar a faca no abdômen de Hani, assistindo seus olhos petrificarem e perderem o brilho.

Contudo, não sabia aquele soldado, que o punhal retirado da mão de Hani e utilizado para matar Isa e agora para matá-lo estava encantado e assim que o mago negro finalmente morreu, a mesma caiu no chão e inexplicavelmente se desfez em pó.

– Que magia demoníaca é esta que este infeliz utilizou? – Questionou para si Sameer, enquanto se afastava e observava o corpo de Hani, deitado sem vida, sobre um tapete.

– Sameer! Sameer! Venha... estamos sendo chamados! – Gritou um dos soldados do califa chamando o jovem rapaz.

Sameer então apanhou então somente a um baú que tinha as descrições passadas por Aziz, um comerciante muito próximo ao califa, e deixando toda a riqueza da tenda para trás, dizendo:

– Destes tesouros quero distância! – E saiu com o baú debaixo do braço direito.

– Como foi Sameer? Conseguiu o seu tento, apesar dos apelos de Aziz? – Questionou Shadid ao amigo enquanto contemplava um conjunto de tendas dispostas paralelamente uma à outra, plantadas no meio do deserto, em chamas.

– Sim meu amigo, consegui! Contudo, estou ciente de que deverei me tratar perante Aziz, mas não podia eu deixar aquele que maculou a casa de meu pai escapar assim, ileso! Ademais ele ainda não havia abandonado as antigas crenças e quando cheguei, estava ele conjurando feitiços e magias, – respondeu Sameer convicto.

– Sameer, você sabe que admiro sua dedicação à família e a Alláh, mas creio que você tenha levado isso também para o lado pessoal. Não que ele não merecesse tal castigo... mas creio que deveria ele ter sido julgado e executado por outras instâncias para que pudesse servir de exemplo, – disse Shadid.

– Concordo, – respondeu Sameer, – mas no calor do momento... e sua feição... o mesmo quando copulou minha irmã contra sua vontade, na casa de meu pai... ela estava prometida... e morreu por ser bonita e virgem... Contudo, veja! O baú descrito por Aziz está comigo!

Shadid nada disse. Apenas observou o baú e em seguida viu a feição do amigo se transformar de retidão militar para dor e tristeza profunda.

– Vamos Shadid! Quero logo entregar isto e me entender, pessoalmente, com Aziz, – disse Sameer amarrando o baú na parte de trás da cela de seu cavalo e em seguida, montando-o.

Ambos se juntaram à comitiva que tomava rumo à cidade junto aos demais soldados, na escura e fria noite do deserto deixando para trás as tendas em chamas.

Chegaram anunciados pelo nascer do sol com seus raios dourados e imponentes reluzindo como nunca no firmamento azul; cânticos e gritos recebiam em calorosa felicidade aquela guarnição enquanto as portas se abriam e antes mesmo que desmontassem dos cavalos, um dos soldados dirigiu-se a Sameer, dizendo.

– O senhor Aziz ordenou que ao chegar se apresente imediatamente a ele!

– Pois bem, vou-me agora! – Respondeu altivo Sameer enquanto desmontava do cavalo e apanhava o baú.

– Espere, vou com você! – Disse Shadid ao amigo.

– Não quero que se envolva em minha desobediência! Vou poupá-lo de qualquer punição; fique, – disse Sameer.

– Não posso! Fui enviado para evitar que você não se excedesse e falhei. Também vou! – E partiram os dois, entre risos discretos e ansiedades.

Atravessaram um longo pátio, de paredes brancas, arqueadas, paralelos a um espelho d'água, rodeado por palmeiras e que refletia o esplendor do céu azul.

Enquanto caminhavam, várias pessoas que vinham despreocupadas na direção contrária aos dois homens, mesmo sendo discretas, cochichavam sobre ambos e não demorou muito para avistarem, à frente, uma suntuosa moradia, com muros grandes e portas grandes, guarnecidas por homens leais à Aziz, hábil comerciante e homem próximo, muito próximo ao califa.

Entraram sem serem anunciados, pois já eram esperados. Atravessaram um longo pátio, este também com um espelho d'água em seu interior. Tomaram um acesso à direita para em seguida depararem-se com uma singela mesquita, estando à

porta Aziz, acompanhado por outro homem, já de idade bastante avançada, sentado ao seu lado.

Aziz, o comerciante, era um homem na casa dos trinta anos, alto, forte pele morena. Linhas faciais bem definidas. Sua barba lhe dava a impressão de ser mais velho do que aparentava. De pé, de braços cruzados, fitava-os enquanto ambos se aproximavam.

– *Salaam Aleikum*, – disse Aziz, ao que responderam os dois rapazes, – *Alaikum As-Salaam*.

– Pelo visto voltaram somente com o báu.... – Disse Aziz olhando para Sameer.

– Infelizmente sim, – respondeu o soldado, – a necessidade de levar honra à minha casa e minha família falou mais alto!

– Sameer, amo e respeito sua dedicação em honrar sua casa e sua família. Quando soube de sua dor, ela também se tornou minha dor. Mas entenda que precisávamos de Hani vivo, – disse Aziz em tom paternal.

– Me perdoe senhor... mas o olhar que ele me direcionou... o mesmo quando desonrou minha casa e minha família... eu não pude...

– ... evitar! Sei disso Sameer... sei disso... por isso não te envio ao califa para ser punido, pois pessoas como Hani devem sim pagar pelos crimes que cometeu... ademais, vejo que trouxe consigo o baú... sendo assim, sua missão não foi totalmente em vão! – Disse Aziz.

– Sim senhor... aqui está... – respondeu Sameer entregando o baú para Aziz que ordenou a um dos homens de sua guarda o pegasse e colocasse dentro da pequena mesquita.

– Agora, Sameer e Shadad, é uma ordem minha... vão para casa. Lá suas esposas e filhos lhes aguardam. – Entre risos despediram-se de Aziz e do homem idoso.

Vendo-se ambos sozinhos, o comerciante disse-lhe: